# REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA 1

REVISTA ELETRÔNICA DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS - SEÇÃO NITERÓI
ANO 1 - JAN/JUN DE 2005
ISSN 1980-9018


## O Bom da História: Reflexões sobre a Escola em Movimento Estudantil

***The History's Good: reflexions about the school in studaet moviment***


**Os Autores**

**Charlles da França Antunes**
Doutorando em Geografia na UFF e Professor Assistente do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ)

**Manoel Fernandes de Sousa Neto**
Doutor em Geografia na USP e Professor Adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC)


Este texto é para aqueles com os quais aprendemos muito durante as nossas controvérsias e convergências – Breno, Cuiabano, Marquinhos, Amélia, Antônio, Scarin, Leon, Jean, Valéria, Ana, Washington, Bira, Laércio, Nilo, André, Branco, Alexandre, Hugo, Fabrícia, Marcilene, entre outros.

*Estranhem o que não for estranho.*
*Tomem por inexplicável o habitual.*
*Sintam-se perplexos ante o cotidiano.*
*Tratem de achar um remédio para o abuso.*
*Mas não esqueçam*
*de que o abuso é sempre a regra*.

A Exceção e a Regra, de Bertolt Brecht


## Resumo

Este breve artigo pretende fazer algumas reflexões sobre as múltiplas aprendizagens produzidas no Movimento Estudantil de Geografia e sua apreensão como currículo informal.



## Palavras-Chave

Geografia – Movimento Estudantil – Múltiplas Aprendizagens



## Abstract

This article intends to make some reflections about multiple learnings produced by Geography Students Movement and its appre´hensivenes as informal curriculum.


## Introdução

Ocorre muitas vezes em nossa vida não escrevermos sobre aquilo que costumamos falar. Ao longo do tempo, entretanto, o fato de termos dito tanta coisa ao sabor do vento obriga-nos a retirar do silêncio as palavras escritas, e escrevê-las é a única forma de livrarmo-nos da repetida tentação de nunca assumi-las, registrar sua paternidade e oficiar em definitivo um certo dizer.

Essa colheita das palavras aéreas<1> nem sempre é fácil, mas seu continuado existir, uma fala após a outra, acaba por tecer uma teia que se vai construindo no nosso modo de ver e verbalizar as coisas. Isso nos faz sentir que este texto foi sendo escrito lenta e sutilmente, abstrata e desagregadamente, até ganhar uma forma quase definitiva, a ponto de o seu peso, o das palavras, fazer com que estas, enfim, pousassem sobre o papel.

E é claro que essa cimentação temporária tem sua história, seu processo, dando-se em função das coisas que se foram encadeando ao longo do tempo, a ponto de ganhar ou de requerer historicidade. A história, nesse caso, vai assumindo contornos mais visíveis e oferecendo maior consciência a quem pretende escrevê-la.

Quando o próprio viver mistura-se a essa história, então, outros motivos, agora pessoais, ganham relevo e um sentido diferente, passional também, pessoal, por que não? Um certo olhar distinto inscreve-se como a marca do conjunto das nossas ações e falas, das nossas experiências sobre aquilo que

agora nos diz, fala por nós.

Nesse caso, um texto escrito a quatro mãos, feito por pessoas que conviveram coetaneamente durante bons anos das suas vidas a experiência de uma forte militância no movimento estudantil geral e de Geografia, acaba sendo quase um exercício de dialogar mais demoradamente com aqueles que exercem sua práxis política nos dias de hoje como estudantes.

**Keywords**
Geography – Students
Movement - Multiple Learnings

**A Noção de Escola como Movimento**

As nossas leituras de algumas escolas, formadas por intelectuais no âmbito da filosofia e da história, como é o caso de Frankfurt e Annales , acabaram levando-nos a considerar aquilo que alguns analistas acham essencialmente caracterizador – mais que escola, as controvérsias internas, nas muitas diferenças estabelecidas entre seus participantes, tornava-as menos um todo homogêneo a que pudesse se chamar escola e mais um debate permanente que as caracterizava como um movimento.

O sentido da formação nesse caso, embora houvesse um projeto em comum tanto na Escola de Frankfurt quanto na Escola dos Annales<2>, estava na construção de diferentes formas de ver e interpretar o mundo a partir de certos instrumentais comuns. O debate alimentava a formação e fornecia o sentido da sua existência – embora no mesmo campo, não da mesma forma.

Um paralelo com o movimento estudantil nesse caso é válido para nós, porque dois elementos são comuns – a noção de campo<3> e a existência de um debate permanente. Por outro lado, queremos propor que o movimento seja visto como escola, considerando o conflito como elemento essencial à formação dos estudantes<4> e, simultaneamente, reiterando a noção de processo na realização da aprendizagem.

A partir disso, pretende-se também modificar a concepção de escola e a leitura que se faz de currículo. Currículo e escola não são, como muitas vezes fomos levados a pensar, conceitos estáticos e imutáveis, realizados apenas como o desdobramento de programas e normas pré-estabelecidas. Escola e currículo são também expressão de movimento, diferença, controvérsia, luta, história, processo, relação<5> .

Nesse sentido, embora para muitos não pareça assim, a história do movimento estudantil é caracterizada em larga escala por ter formado, em curso, ao longo e ao largo dos processos e estruturas formais de aprendizagem das Escolas e Universidades, um sem número de intelectuais orgânicos<6> .

Essa formação, embora para outros possa parecer, não esteve ou está, desvinculada das instituições de educação formal e, portanto, não pode ser dissociada também de suas formas. É nos lugares onde se realiza aquilo que concebemos por escola que o movimento estudantil se realiza. Essa estrutura e suas muitas facetas são seu território primário, embora posteriormente o movimento estudantil – como veremos adiante – possibilite uma educação além das fronteiras dos muros institucionais.

**As Múltiplas Aprendizagens**

As aprendizagens possíveis no Movimento Estudantil são muitas. Aqui, o que queremos fazer é dizer como nós acabamos por apreender uma série de conhecimentos em meio a um currículo “informal”, para muitos oculto, construído na esfera da vivência com um mundo que estava para além dos limites da sala de aula.

Foi nesse processo que começamos a pensar a Universidade como uma instituição não separada do mundo, posto que os antagonismos sociais que nós vemos fora desse espaço estão também dentro dele. Essa visibilidade mais ampla só aparece quando vemos as estruturas de poder constituído no interior dessas instituições, as redes que se estabelecem no seu âmago e o modo como essas redes se articulam com as tessituras mais complexas do poder que define, entre outras coisas – políticas educacionais, fundos para pesquisa, relação com os movimentos sociais, etc. Em outras palavras,

estando no movimento estudantil, descobrimos que a falta do bebedouro, o fim do restaurante universitário, o corte de bolsas para a graduação, a redução de recursos públicos para a educação têm uma ligação com o pagamento da dívida externa, com opção da precedência do econômico sobre o social, da lógica da mercadoria sobre a nossa vida imediata e mediatamente.

Ao percebermos que as lutas realizadas apenas no interior da Universidade não resolvem os problemas que nos atingem, compreendemos a necessidade de estabelecer alianças com os demais movimentos sociais e buscamos realizar alianças com os trabalhadores do campo e da cidade. Essas alianças fazem-nos perceber que a luta por reforma agrária está no mesmo âmbito da luta por educação pública e gratuita. Compreendemos que se os trabalhadores em transporte fazem greve, se ela for justa, é importante apoiá-los, ao invés de vê-los como aqueles que estão a prejudicar as atividades letivas. Dizendo de outro modo, quando entramos em contato com os outros movimentos sociais a partir do movimento estudantil, temos a possibilidade de vê-los de outra forma, de perceber quais as frentes de luta em que podemos participar juntos, o modo como podemos colaborar com mudanças sociais mais amplas e, ao mesmo tempo, temos a possibilidade de apreender como esses movimentos percebem a Universidade e como gostariam que ela fosse. Além do que, aprendemos a perceber o mundo de uma forma que, às vezes, só em meio aos movimentos sociais é possível aprender.

Tivemos necessidade de escrever documentos em intervalos curtos de tempo, porque é a dinâmica da vida que estabelece os prazos e, se temos que dar respostas rápidas às questões que nos aparecem, então se faz urgente um esforço no sentido de melhor dizer o que nós pensamos de forma sintética e didática. Não raras vezes, somos obrigados a escrever, em meia lauda, um mundo de coisas e a dizer de modo que os outros entendam. Esse aprendizado da síntese e de uma certa didática está também na prática da nossa fala. Nas assembléias de que participamos, o tempo que nos cabe é curtíssimo, temos de desenvolver argumentos que exponham bem as nossas idéias, convençam os outros do acerto das posições que defendemos e, concomitantemente, não dêem margem que permitam aos outros desconstruir o nosso discurso.

Claro está que, se debatemos sempre, também a construção da nossa fala deve sempre considerar a fala dos outros e isso nos leva, continuadamente, a fazer análise de discurso, a tentar perceber na fala do outro o modo como pensa, como vê o mundo.

Ora, se temos que articular a nossa fala em público, aprendemos também a lidar com a expressão oral, a perder a timidez, a falar com a mesma naturalidade para duas ou duzentas pessoas. Essa segurança, que se adquire no ato da fala em público, prepara-nos para dizer aos outros o que pensamos em qualquer campo da nossa vida – coisa que não costumamos comumente aprender em sala de aula.

E esse dizer em público exige de nós que estejamos lendo aquilo que os nossos adversários e parceiros lêem, para que possamos discutir com propriedade as questões que forem levantadas no debate. Isso acaba nos levando aos clássicos e, muitas vezes, é no movimento estudantil que nos encontramos com Marx, Gramsci, Trotsky, Rosa Luxemburgo, Engels, dentre tantos outros que acabam consolidando nossa formação e propondo que vejamos o mundo com outros olhos teóricos, com outra capacidade crítica.

Em meio às lutas do movimento estudantil, somos levados a pensar processos de gestão participativa – que vão desde a organização das assembléias estudantis às reuniões mais amplas com outros movimentos sociais. Então aprendemos a planejar nossas ações, a pautar nossa atuação, a estabelecer metas de trabalho – o que invariavelmente requer que saibamos tomar decisões e que nos posicionemos sobre os processos, a não

aceitar que nos imponham normas e, portanto, a ter, invariavelmente, uma postura que busca questionar os processos e exige que a participação seja democratizada. Em outras palavras, não é um mero aprender a falar, mas um aprendizado de que é preciso falar, dizer, tomar posição, comprometer-se, influir nas decisões, de que participar é essencial à vida.

Depois, aprende-se na diferença, no conflito e, ao mesmo tempo, adquire-se a compreensão de que só o coletivo realiza, só é possível fazer com os outros. Então, no movimento estudantil, realiza-se também um certo aprendizado da diferença e do convívio, de um convívio que se sabe historicamente conflituoso. Descobre-se, assim, que as posições não são unânimes e que construção coletiva não implica abrir mão do que se pensa.

Daí o reconhecimento da importância dos fóruns de discussão e o respeito às decisões tomadas com os outros. Isso é que consolida a idéia de coletivo divergente, mesmo no erro a certeza de um aprendizado do fazer junto, de respeitar as instâncias a que se submeteu, a valorização do espaço de decisões. Tanto é que, muitas vezes, as direções constituídas do movimento estudantil são obrigadas a implementar uma posição diferente daquela que defendem, seja porque sabem da importância de manter as instâncias democráticas do movimento ou porque temem ser destituídas.

Esse cimento é que possibilita a idéia de que certas coisas só se conquistam a partir de um coletivo e de que a importância desse coletivo está em fóruns que tornam todos tomadores de decisão. Essa noção de poder compartilhado possibilita que o coletivo envolva-se nas lutas como um bloco coeso, porque mesmo quem diverge sabe que teve a oportunidade de posicionar-se diferentemente.

Enquanto isso, nas salas de aula das instituições de ensino, muitas vezes, percebe-se que é "cada um por si e o diabo contra todos", portanto que a cada um cabe salvar sua própria pele e que os melhores são aqueles que ganham as concorrências – maiores médias, bolsas, indicações com louvor dos professores, prêmios por comportamento exemplar frente às normas da academia. Não raro, evidente, prega-se que o movimento estudantil é pura perda de tempo, que o lugar dos estudantes é nas salas de aula, que se envolve com essa história aqueles que "não querem favas com nada".

Nesse sentido, desde o princípio, participar do movimento estudantil implica assumir uma certa autonomia, a tomar posição crítica com relação à instituição escolar e seus muitos mecanismos. A primeira fronteira que se rompe, portanto, é a da própria sala de aula e isso faz com que a Universidade pareça outra – até mais lúdica, até mais universal.

É no movimento estudantil que se realiza uma sociabilidade interna dos estudantes universitários de diversas áreas do conhecimento. Em meio às assembléias, greves, passeatas, lutas diversas é que se torna possível entrar em contato com os alunos da sociologia, medicina, história, enfermagem, engenharia e, em meio ao convívio com estudantes de formação tão distinta, realizar debates interdisciplinares – em torno do mesmo tema, diferentes formas de abordá-lo.

Não poucas vezes, a curiosidade por novas literaturas, música que até então não havíamos ouvido, abordagens com as quais nunca havíamos nos deparado, aparecem em meio a essa comunidade estudantil e aí o estudante abre os olhos para certos horizontes até então despercebidos. A formação, digamos assim, ganha um sentido amplo, além das fronteiras da sala de aula e da profissão que escolhemos – no movimento estudantil, de um modo ou de outro, acabamos consolidando nossa opção profissional.

E as fronteiras físicas da universidade em que estudamos também se rompem. Viaja-se, às vezes, o país inteiro, discute-se com gente de todo jeito, aprende-se um pouco a dimensão política desse território nacional. E essa coisa da diversidade da nação se nos apresenta com incrível nitidez no jogo das identidades regionais, na dicção própria de cada lugar, no colorido daquilo que se veste e na maneira de expressar o pensamento. Aprende-se, pois, no movimento estudantil, a conhecer o Brasil e os muitos discursos

que o compõem. Em outras palavras, é um banho de cultura, cultura que, às vezes, revela-se no calor da pele e não apenas através do vídeo da escola, dos slides dos docentes ou de textos sem nenhuma fotografia.

E as fronteiras que se acabam de romper são também ideológicas – rompe-se com as cercas de muitos preconceitos pequeno-burgueses – aprende-se assim, já em princípio, que as saídas individuais não são saídas, mas adequações e que elas, em definitivo, não resolvem nem os problemas pessoais mais imediatos, que dirá os problemas históricos e sociais mais graves. Por isso, rompe-se a fronteira do imediato, da boca escancarada e cheia de dentes que espera a morte chegar, pela humanidade da utopia que nos mantém de pé e caminhando<7>.

Enquanto na sala de aula, muitos alunos e alunas bem aplicadas sonham docemente com um emprego digno, aqueles que estão no movimento estudantil tendem a olhar com desconfiança o mundo do trabalho em seu processo mutatis mutandis e a saber que o trabalho socialmente criador de riqueza é apropriado de maneira particular. Por isso, rompem as cercas do discurso instituído e aliam-se aos movimentos sociais mais amplos dos trabalhadores, porque a tendência no movimento estudantil é de que os estudantes vejam-se como trabalhadores e é essa visão que possibilita alianças, lutas conjuntas, projetos comuns.

Quando se fala em projeto comum já não está mais em jogo apenas a Universidade, mas a sociedade inteira, um projeto político mais amplo. Por isso, não raro, muitos estudantes fazem opção por um partido, principalmente quando compreendem os próprios limites políticos do movimento estudantil e a impossibilidade de grandes transformações apenas no interior da Universidade.

Nesse sentido, aprende-se também no movimento estudantil a ler os partidos políticos, o modo como se organizam, quais seus programas, como interferem dentro da sociedade, da Universidade e do próprio movimento. Observa-se que os partidos são a expressão de projetos e, como tal, enriquecem profundamente a formação política, politizando debates que, sem sua efetiva interferência, possivelmente se manteriam no âmbito do cotidiano imediato. Para muitos jovens, é no movimento estudantil que se conhece, pela primeira vez, a militância nessa outra rica e fecunda escola que são os partidos políticos.

Para finalizar, é no movimento estudantil que se realiza a conformação de uma extensa rede de relações que ultrapassa anos e décadas, instituições e cidades, áreas de conhecimento e intervenções políticas. Porque os estudantes são profissionais em formação, futuros professores, intelectuais orgânicos ligados a partidos e movimentos sociais. Perder tudo isso, imerso no estreito universo da sala de aula, é marcar passo, é "perder o bonde da história".

**Bibliografia**


BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BORDIEU, Pierre. Economia das Trocas Simbólicas. 5a ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BURKE, Peter. A Escola dos Annales. 6a ed. São Paulo: EDUNESP, 1997.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? São Paulo: Paz e Terra, 1977.

GRAMSCI, Antonio. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

MEIRELES, Cecília. Romanceiro da Inconfidência: Crônica Trovada da Cidade de Sam Sebastiam. 3a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.


**Notas**

1- Das Palavras Aéreas é o título do LIII Romance do Romanceiro da Inconfidência, em que Cecília Meireles diz: “Ai, palavras, ai, palavras,/ que estranha potência, a vossa!/ Ai, palavras, ai, palavras,/ sois de vento, ides no vento,/ no vento que não retorna,/ e, em tão rápida existência,/ tudo se forma e transforma!”

2- “Essa escola [a dos Annales] é, amiúde, vista como um grupo monolítico, com uma prática histórica uniforme, quantitativa no que concerne ao método, determinista em suas concepções, hostil ou, pelo menos, indiferente à política e aos eventos. Esse estereótipo dos Annales ignora tanto as divergências individuais entre seus membros quanto seu desenvolvimento no tempo. Talvez seja preferível falar num movimento dos Annales, não numa ‘escola’.” (Burke, 1997, p.12)

3- No caso a noção de campo é aquela usada por Bordieu em Economia das Trocas Simbólicas.

4- “Na verdade, nenhum pensador, como nenhum cientista, elaborou seu pensamento ou sistematizou seu saber científico sem ter sido problematizado, desafiado. Embora isso não signifique que todo homem desafiado se torne filósofo ou cientista, significa sim, que o desafio é fundamental à constituição do saber.” (Freire, 1977, p.54)

5- “No fundo das teorias do currículo está, pois, uma questão de ‘identidade’ ou de ‘subjetividade’. Se quisermos recorrer à etimologia da palavra ‘currículo’, que vem do latim ‘curriculum’, “pista de corrida’, podemos dizer que no curso dessa ‘corrida’ que é o currículo acabamos por nos tornar o que somos. Nas discussões cotidianas, quando pensamos em currículo pensamos apenas em conhecimento, esquecendo-nos de que o conhecimento que constituí o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade.” (Silva,1999, p.15)

6- “Quais são os limites máximos da acepção de ‘intelectual’? É possível encontrar um critério unitário para caracterizar igualmente todas as diversas e variadas atividades intelectuais e para distingui-las, ao mesmo tempo e do modo essencial dos outros agrupamentos sociais? O erro metodológico mais difundido, ao que parece, consiste em se ter buscado esse critério de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais, ao invés de buscá-la no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram no conjunto geral das relações sociais.” (Gramsci,1989, p.6-7)

7- “O domínio secreto da idéia da profissão não é a mais profunda de tais falsificações, cujo aspecto terrível é o dano que causa à vida criativa, atingindo-a em seu centro. Uma concepção de vida banal troca o espírito por imitações; ela consegue camuflar cada vez mais o caráter perigoso da vida intelectual e zombar das poucas pessoas lúcidas que restam como utopistas” (Benjamin, 1984, p.37)